



Bivar sobre si mesmo

João Carlos Rodrigues

Perseverança, de Antonio Bivar, São Paulo, Humana Letra, 2019, 184 pp.

Se uma autobiografia deve ser cronológica, meticulosa e totalizadora, incluindo reflexões sobre a época em que o autor viveu, e um livro de memórias basta ser seletivo e fluente narrando apenas o que o autor achou importante, então o que Antonio Bivar escreve há décadas sobre si mesmo está mais para memórias do que para autobiografia. Isso não implica critérios de valor. O médico Pedro Nava, o teatrólogo Hermilo Borba Filho e a atriz Odete Lara foram ótimos memorialistas, e outros mais. As memórias são frequentemente mais interessantes do que as autobiografias, muitas destas escritas por *ghost-writers* profissionais. Podem também enganar o leitor e ser tendenciosas, o que não se tolera numa autobiografia. Aparentemente são menos sérias, mas não menos representativas. E sem dúvida bem mais divertidas.

Antes de mais nada, para quem não sabe, é preciso explicar até que ponto a

vida de Antonio Bivar é interessante o suficiente para dar tanto pano para mangas. Posso garantir que é. Nascido em 1939 e crescido no interior de São Paulo (Ribeirão Preto), ele já foi de tudo um pouco, incluindo *office-boy*, pregador mórmon, ator, figurante em balé da dupla Fonteyn/Nureyev, autor teatral premiado e proibido pela censura, editor de revistas, romancista, desenhista e aquarelista de talento, *globe-trotter*, diretor de shows de rock e sertanejos, roteirista de programas de rádio e TV. Do *glam* ao *punk*, um lançador de modas e estilos.

Chegamos ao mais novo de seus livros de memórias, todos publicados fora da ordem cronológica e por editoras diferentes. Seguindo a ordem dos acontecimentos, são eles *Mundo adentro vida afora* (1939-1970), *Verdes vales do fim do mundo* (1970-71),

JOÃO CARLOS RODRIGUES é escritor, pesquisador e autor de, entre outros, *João do Rio: vida, paixão e obra* (Civilização Brasileira).

Longe daqui aqui mesmo (1971-73), *Aos quatro ventos* (1973-82), *Perseverança* (1982-1993) e *Bivar na corte de Bloomsbury* (1993-2004). Alguns são encontrados hoje apenas em sebos, mas o segundo foi *best-seller* e continua em catálogo.

Entretanto a ordem da publicação foi bem diferente: *Verdes vales* (2002), *Bivar na corte de Bloomsbury* (2005), *Longe daqui* (2006), *Mundo adentro* (2014), *Aos quatro ventos* (2016) e *Perseverança* (2019). Podemos perceber um interesse crescente do autor por eles, depois de um intervalo de oito anos entre o terceiro e o quarto. Um dia, quem sabe, os teremos na ordem cronológica dos fatos em um só volume.

Com bela aquarela do próprio autor na capa, eis que *Perseverança*, o quinto volume na cronologia (e o sexto editado), é tão delicioso como os anteriores e também muito informativo, mas apresenta novidades no formato. Parte é na terceira pessoa, parte na primeira, esta se desdobrando

também na forma de um diário. Assim o autor em algumas páginas observa a si próprio, em outras narra os acontecimentos, em outras faz anotações informais. E ainda temos, no final, uma entrevista ao editor José Carlos Honório.

“JCH – Você escreve para quem?”

Bivar – Escrevo primeiro para mim mesmo, para meu bel-prazer, digamos. E para os outros, como quem escreve carta aberta aos leitores. Tem quem goste. Também tenho tanta coisa para contar, só faltava não gostarem. E sempre gostei de escrever cartas. Tenho um baú de cartas; são respostas às cartas que escrevi. Pena o correio ter caído em desuso. O hábito de escrever cartas virou coisa do passado. Hoje é tudo on-line. E-mail, whatsapp, twitter, messenger, facebook, instagram. E tudo acaba no lixo virtual. E não adianta chorar sobre o leite derramado. Rimbaud já mandava a gente ser absolutamente moderno.”

Reprodução



Maria Della Costa, Enio Gonçalves e Christine Nazareth na peça *Alice, que delícia*, 1987

Reprodução



Rita Lee, Bivar, Sandro Polloni e Maria Della Costa, em foto de Vania Toledo, 1987

Antonio Bivar escreve de um modo que ele mesmo define como singelo. Isso significa fluência, discrição, elegância, leveza e outras qualidades. No tempo do regime militar, o dramaturgo Plínio Marcos definiu seu (do Bivar) teatro como “sobremesa”, enquanto o dele (Plínio) seria o “arroz e feijão”. Ele adorou, com ironia. Realmente seu texto é um biscoito fino para as massas.

Aparentemente fácil, aparentemente fútil, mas não se enganam.

Em primeiro lugar, tire o eventual leitor de sua cabecinha que vai encontrar confissões sexuais, fofocas análogas, maldades ofídicas e outras baixarias do mundo dos famosos. Nada de sexo, o autor mantém sua privacidade, não é da conta de ninguém. E também a dos outros. Bivar é quase pudico na sua escrita, embora as entrelinhas sugiram, vez por outra, atividades mais picarecas, geralmente de terceiros. Um livro da maturidade, escrito aos 80 anos, sobre fatos de quando o protagonista tinha metade dessa idade, não é coisa que surja a toda hora na nossa literatura vinda de alguém que não seja um retumbante medalhão.

Aqui temos a surpreendente saga dos nove anos de gestação das quatro peças sobre a história do Brasil, escritas em coautoria com Celso Luiz Paulini e inacabadas pela morte deste. As primeiras são *Enfim*,

Reprodução



Ernani Moraes, Noemi Marinho e elenco do grupo Tapa em *As raposas do café*, de Bivar e Celso Paulini, 1990



Antonio Bivar com o amigo Andrew Lovelock

o paraíso, Uma coroa nos trópicos e As raposas do café, e abrangem de 1500 a 1930. Fica evidente o apreço de Bivar por elas, que parecem interessantíssimas, porém quase inéditas, salvo a última.

O Brasil é cruel. Outro momento alto é o seu encontro em Nova York com o escritor e dândi inglês Quentin Crisp (1908-1999), um descendente artístico de Oscar Wilde, cujo perfil é tão bem traçado em poucas páginas. Percebemos uma particular simpatia pela Inglaterra entre todas as partes do mundo, o que nos leva ao prestigioso Grupo de Bloomsbury (Virginia Woolf, Maynard Keynes e outros), cujos descendentes meio que adotam Bivar em 1993, quando participou da Escola de Ve-

rão de Charleston, organizada por eles e com a participação, entre outros, de Harold Pinter e Susan Sontag. Coisa séria.

Há também efemérides inesquecíveis. A festa grã-fina da revista *Around*, em que era um dos editores, anarquizada pelos *punks* seus amigos. Outra das melhores foi conseguir convencer a dupla sertaneja Leandro e Leonardo a cantar “Luar do sertão” acompanhando a gravação de Marlene Dietrich e diante de foto dela. Quem não arrisca não petisca. Também merecem destaque sua amizade e colaboração com Rita Lee no rádio e na TV em programas muito bons e que infelizmente não circulam. Um cruzeiro no Caribe em navio norueguês e seu jovem tripulante português, acompanhante profissional de passageiras solitárias. Temos ainda as esfuziantes Maria Della Costa e Eloina Ferraz. E sua mãe, dona Guilhermina, é claro.

Perseverança é tão interessante quanto os outros volumes, embora mais reflexivo por abranger a época pós-desbunde. Uma de suas maiores qualidades é a total ausência de revanchismo e/ou autocomplacência. Hoje diverte, mas no futuro será sem dúvida um ótimo testemunho da nossa época.